

esta a tese de concurso de Celso Ferreira da Cunha — "O Cancioneiro de Joan Zorro" (Rio, 1949). Um trovador como Neidhart, por exemplo, conta nada menos com uma dezena de trabalhos especializados, numa verdadeira rivalidade bibliográfica com o maior da constelação dos *Minnesänger*: Walther von der Vogelweide.

A Antologia de Moret assemelha-se muito à "Crestomatia Arcaica" de José Joaquim Nunes, embora o aparato crítico daquela seja mais rico e a exposição da matéria — mais didática: poeta, biografia-crítica, evolução de sua arte, edições e bibliografia. As canções, que seguem principalmente o texto dos grandes cancioneiros alemães, trazem no rodapé riquíssimas notas filológicas e no final da Antologia um glossário — que infelizmente não satisfaz muitas vezes.

Moret anuncia ainda uma obra em vias de acabamento, intitulada *LE MINNESANG ET LES MINNESANGER*, na qual pretende o autor abranger a totalidade dos problemas levantados pelo estado atual da *Minnesangforschung*.

Para o próximo número da *REVISTA DE HISTÓRIA* pretendemos apresentar aos curiosos da lírica alemã trovadoresca uma poesia de Neidhart, que traduzimos e procuramos estudar em paralelo com a nossa poesia trovadoresca.

S. SPINA

---

AMARAL (Luiz). — *Outro Brasil. Interpretação ecológica, visando orientação econômica.* Editora Eco Ltda. São Paulo, 1950. 263 pp.

Já conhecíamos, do ilustre Autor, vários trabalhos denunciadores de sua grande cultura e do seu entranhado ardor pelas idéias, princípios ou teses adotados. Surge, agora, um novo livro do citado Autor, que, além daquelas qualidades mencionadas, atesta grande operosidade. É o livro chamado "OUTRO BRASIL" — *Interpretação ecológica, visando orientação econômica.*

É a meu vêr, o melhor livro do Autor, sem embargo de alguns defeitos que aponto com sinceridade e desejo de acertar.

Não sou muito apreciador do modo com que o livro expõe suas idéias e expande seus argumentos, muitos dos quais são impressionantes. Acho que o Autor nem sempre foi muito claro e às vezes não usou de precisa insistência nos argumentos com que alicerça suas teses, algumas das quais são verdadeiras bombas atômicas de força irresistível.

O livro contém, entre as muitas idéias que discute com grande honestidade e proficiência, as seguintes que mais me impressionaram:

1.º — A radicalmente contrária ao mavórtico espírito do me ufanismo e de crítica a mais ferina ao Conde de Afonso Celso, tido como o pai dessa idéia e a meu vêr, um dos homens mais maléficos do Brasil.

2.º — A inadaptabilidade do europeu nas zonas ultraquentes.

3.º — O repúdio completo pela industrialização do país com a entronização do lema de que o Brasil é um país agrícola devendo permanecer na agricultura.

A primeira dessas três teses enunciadas tem o meu caloroso apoio. Sou um adepto integral, de longa data, das mesmas idéias do Autor. Por vezes, tive a impressão de que estava lendo minhas próprias palavras, de tal maneira a tese do livro se engrena com o meu pensamento. É possível que seja influência exercida em Luiz Amaral e em mim, pelo meu saudosíssimo amigo, Piriz do Rio, de quem aprendi tanta coisa nas palestras que mantinha, com esse grande expoente da cultura especializada em problemas econômicos e so-

ciais. Era uma espécie de escola domingueira na qual doutrinava o eminente economista da Escola de Minas de Ouro Preto. Lá estavam Hermes Lima, Mota Filho, Agenor Machado, Assis Chateaubriand, Roberto Moreira e outros!

Durante vários anos, saturei-me dos preciosos ensinamentos de Pires do Rio; principalmente os de natureza econômica ou geográfica sedimentaram em mim, uma tal camada cultural a respeito dessa rançosa e enganadora mentalidade do *me ufanismo*, que me acostumei a considerá-lo o maior cancro que destrói o Brasil. A tal ponto vai a minha odiosidade a esses espírito do *me ufanismo*, que o ataquei de rijo na minha tese de concurso, enfrentando e discutindo com a banca examinadora, composta dos Srs. Pedro Calmon e Max Fleiuss, entre outros.

Daj a minha afinidade completa e absoluta com Luiz Amaral, a respeito do *me ufanismo* que considero o maior crime cometido contra o Brasil. Foi um estrangeiro quem deu início a essa mentalidade: Pero Vaz de Caminha. Ainda um estrangeiro, duzentos e cinquenta anos depois ampliou isso: Sebastião da Rocha Pita. Mas, durante os primeiros três séculos, o mentiroso *me ufanismo* conservou-se em escala pequena, até chegar ao oitocentismo, para então encontrar, com o romantismo piégas e rançoso da época, sincronizado com um rubro e exageradíssimo nacionalismo e uma falta de cultura quase absoluta por parte dos intelectuais da época, em matéria de ciências exatas, um ótimo terreno para nele se cristalizar engrandecido. Tão virulenta foi a dose do veneno injetado no Brasil pelo maldito *me ufanismo*, que até hoje intoxica a nossa infância e a nossa juventude, pelo mal orientado ensino primário, cujos professores ainda embebidos pelo ditirambo mentiroso e pelo panegírico ilógico e pouco inteligente, inconscientemente inoculam em nossa gente o vírus do sonho e do fantástico irreal. Causticando com braza incandescente essa toxina do *me ufanismo*, Luiz Amaral fez obra de grande benemerência.

Só por isso vale o livro o seu peso em ouro.

Igualmente merece o meu aplauso a segunda tese acima enunciada. Eu sempre fui adepto dela; naturalmente por má interpretação, eu isso afirmando, fui tido como exageradamente regionalista. Não é, porém, o sentimento que me leva a isso concluir, mas é o raciocínio manejando elementos científicos. Lembro-me da primeira vez em que me defrontei com o problema; foi a um quarto de século, lendo Oliveira Viana em um artigo sobre a não ubiqüidade do homem, escrito na *Terra de Sol*. O raciocínio e a meditação fizeram o resto! Nessa ocasião, Ripley, com seu opulento *The Races of Europe* solidificou o que eu aprendi em Oliveira Viana.

Então escrevi nesse diapasão, o meu livro *Pedras Lascadas*, que teve exgotaças as suas duas edições.

Mais tarde, Gilberto Freyre, citando Spengler, na introdução de *Casa Grande e Senzala*, confirmou minhas idéias.

Assim, não é vazio de razões que eu, com veemência, aplaudo Luiz Amaral no concernente à segunda proposição enunciada.

Não posso repetir os mesmos conceitos, em relação à última tese enunciada acima. É uma opinião minha, essa que acredito acertada e à qual estou preso a menos que me provem o contrário. Assim, embora respeitando a opinião do Sr. Amaral, externada no livro, divirjo dela, de modo radical, embora só em parte.

Não posso repetir os mesmos conceitos, em relação à última tese enunciada de regiões as mais heterogêneas e em várias fases de evolução social, econômica, etc. Algumas dessas regiões ainda estão no primitivismo da coleta. Outras já afloraram à agricultura da enxada ou do carro de boi, ou ao pastoreio primitivo. Outras já estão na fase adeantada da agricultura, outras ainda iniciam a sua industrialização que me parece ser a etapa final da evolu-

ção humana. Essas idéias eu as tenho de longa data e manifestei-as em público, desde que há 19 anos publiquei o meu livro *Confederação ou Separação*, do qual saíram três edições; e depois, em 1937, estampeei outro com o título de *Evolução da Economia Paulista e suas causas*, e essas idéias coerentemente conservo em todos os livros de minha autoria. Aliás esse conceito não é meu. Eu nada inovei. Muito antes de mim, o alagoano Tavares Bastos dizia o mesmo e, depois dele, o sergipano João Ribeiro, ao afirmar que o Brasil era um arquipélago de ilhas isoladas e diferentes umas das outras e, cada uma das quais em diverso estágio de vida, exprimia a mesma preliminar.

Assim, não posso concordar com Luiz Amaral quando ele diz que para o Brasil a indústria não é conveniente e deve o país continuar a ser "eminente-mente agrícola". Isso corresponde à verdade, apenas em relação a partes do Brasil. Outras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, etc., já estão na fase da industrialização e não seria justo querer paralisar-lhe a evolução só porque as demais partes estão mais atrasadas. Isso seria um nivelamento por baixo!

Também não estou de acôrdo com Luiz Amaral, quando ele fala em proteção alfandegária. Penso que o Brasil nunca teve política protecionista. Temos tido, sim, uma política voraz da União em aumentar o mais possível a arrecadação do imposto de importação.

Muito mais protecionista em favor da indústria tem sido a política do câmbio baixo. Aliás, essa situação cambial também beneficia a agricultura, pois o café se faz muito mais vendável.

Ainda não concordo, data vênica, com as diretrizes traçadas por Luiz Amaral, ao dizer que a indústria beneficia estrangeiros e pouco os nacionais. Acredito serem de fato estrangeiros os iniciadores, mas seus filhos e netos, que são em maioria, atuais senhores dos parques industriais, são tão brasileiros como nós. Ademais, a indústria, grande parte dela, completa e suplementa o trabalho agrícola, aprimorando e aperfeiçoando enormemente o produto em bruto, produzido agricolamente, que assim é vendido por um preço muito maior. Eis, por exemplo, o algodão, o couro, o cacau, o açúcar, ou a borracha! O exemplo desta é gritante, pois lucrámos muito mais exportando a borracha manufaturada, do que em bruto. A indústria paulista já consome toda a produção da borracha amazônica e precisa ainda importá-la da Malásia.

Precisamos imperiosamente plantar a *hévea*! Eis a indústria fomentando a agricultura! É preciso, porém, que não se vá plantar essa fonte de matéria-prima em região localizada longe do consumo e onde falte mão de obra. Se plantarmos a *hévea*, em lugar vizinho à indústria consumidora, economizaremos o transporte. Se plantarmos a árvore da borracha junto onde já houver mão de obra e trabalho organizado, teremos resolvido um grande número de problemas.

Se porém, quisermos resolver o assunto com o regionalismo e com o sentimentalismo de coração piégas e saturado ainda com o cretino *me ufanismo* e com a ablação do raciocínio e do cérebro, o fracasso nos aguardará.

Por que não se erigir no litoral paulista e fluminense da Baixada, uma monumental plantação da árvore da borracha, idêntica à que os ingleses e holandeses realizaram na Malásia? Poderíamos o transporte oneroso e o nosso aparelhamento ditaria o sucesso. O problema deve ser solucionado com a lógica fria de uma técnica absoluta. É tempo de se saber que cabeça não existe unicamente para cabide. O nosso litoral poderia ser aproveitado com a *hévea* que aí encontra elementos geográficos favoráveis, tendo a mão de obra organizada e a indústria ao lado.

São essas as pequenas objeções que faço ao livro de Luiz Amaral, o qual considero, de modo geral, não obstante essas sombras, um livro excelente, abordando assunto de magno interesse, que está a exigir muita meditação e raciocínio.

ALFREDO ELLIS JÚNIOR